

Notas sobre a trajetória das esquerdas nos EUA (1860-1960)

Introdução

A história das esquerdas norte-americanas é, em grande medida, desconhecida do grande público. Talvez isso se deva tanto ao fato de que a política partidária dos EUA tenha estado desde o começo dominada por partidos situados *de facto* à direita no espectro político-ideológico, quanto a que o país esteja tão identificado como os valores capitalistas aos olhos da maioria das pessoas que, muitas vezes, torna-se difícil imaginar a mera existência de movimentos socialistas ou anarquistas norte-americanos. Contudo, ainda que diminutos, esses movimentos existem e suas raízes remontam ao século XIX, estando intimamente vinculadas à chegada ao país de imigrantes europeus — especialmente alemães e italianos. As esquerdas norte-americanas desempenharam um papel fundamental na luta por melhores condições laborais e no movimento em prol do sufrágio feminino entre fins do século XIX e começos do século XX, e, posteriormente, na campanha pela extensão dos direitos civis à população negra em meados do século XX.

Não obstante, com a complacência de parte da própria historiografia norte-americana,¹ a importância das esquerdas nesses processos foi sendo obscurecida pela virulenta campanha midiática anti-anarquista de começos do século XX, pela generalizada histeria anticomunista dos primeiros anos da Guerra Fria e pelo discurso triunfalista adotado pelo neoliberalismo após a queda do Muro de Berlim e o fim da URSS. Dessa maneira, o papel então exercido por uma esquerda que, embora pequena, era atuante, desapareceu quase completamente da memória coletiva norte-americana.² Contudo, acontecimentos recentes, como a irrupção do movimento *Occupy Wall Street*, têm feito recrudescer o interesse pela história das esquerdas daquele país. Assim, o objetivo deste trabalho é tecer algumas notas sobre a trajetória das esquerdas nos EUA entre 1860 e 1960, período que se estende de suas origens até o surgimento da *New Left* norte-americana.

Esquerda, esquerdas

Antes de prosseguirmos, é importante frisar que estamos utilizando “esquerda” e

1 PALMER, Bryan D. **James P. Cannon and the origins of the American revolutionary left, 1890-1928**. University of Illinois Press, 2007, pp. 1-20.

2 WEINSTEIN, James. **The Long Detour: The History and Future of the American Left**. Cambridge: Westview Press, 2003, p. xi.

“esquerdas” como expressões genéricas para denominar uma ampla pluralidade de vertentes do espectro político. De maneira geral, essas vertentes possuem em comum a tendência a apoiar mudanças sociais que visem o estabelecimento de uma sociedade mais igualitária e livre. Não obstante, consideramos “esquerda” e “direita” conceitos historicamente relativos e não termos estáveis e portadores de uma identidade absoluta, válida para todas as épocas, povos, países e regiões.³

Dito isto, é preciso fazer um pequeno esclarecimento sobre as peculiaridades da terminologia política norte-americana. A distinção entre esquerda e direita nos EUA pode ser algo confusa para nós tanto devido ao fato de ter existido uma tradição política liberal de esquerda por lá, como também porque hoje há, muitas vezes, uma identificação entre os termos “liberalismo” e “esquerdismo” — especialmente na visão contemporânea de conservadores e direitistas norte-americanos.

Os conservadores de hoje veem a esquerda e o liberalismo como categorias idênticas, enquanto muitos na esquerda veem essas categorias como separadas e antagônicas. Mas nenhuma dessas visões é adequada. Historicamente, o radicalismo de esquerda e o reformismo liberal frequentemente se sobrepuseram na vida política dos EUA. Os habitantes desse território político compartilhado formaram uma tradição liberal de esquerda na política norte-americana, que teve seu ápice durante, aproximadamente, as décadas de 1880 e 1940, tendo definhado após 1950. [...] Hoje, entre a direita, esquerda e liberal são usados como sinônimos.⁴

Com efeito, os “liberais” nos EUA tendem a ser vistos tanto como um grupo que defende valores liberais no que diz respeito aos costumes, à lei, à orientação sexual, aos direitos civis e à igualdade de gênero; como defensores de plataformas econômicas identificadas com a esquerda, tais como uma distribuição de renda mais equitativa, a garantia de assistência social, a defesa de melhores leis trabalhistas para os empregados, etc.

A esquerda e o movimento anarquista

Cumpre ainda tecer alguns comentários sobre a esquerda e o movimento anarquista.

3 Para uma discussão mais detalhada da questão, ver BOBBIO, Norberto [1994]. **Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Editora Unesp, 1995.

4 BELL, Jonathan; STANLEY, Timothy (eds.). **Making Sense of American Liberalism**. Chicago: University of Illinois Press, 2012, pp. 17-18.

Historicamente, o anarquismo nunca foi um movimento homogêneo, tendo suas vertentes, em comum, apenas a convicção de ser nociva, para a vida social, a existência de um governo e o desejo de criar uma sociedade onde ele não exista.⁵ Pode-se, inclusive, questionar se o anarquismo está à margem da tradicional divisão entre “esquerda” e “direita”, ou se existem correntes que estão mais próximas da “esquerda” ou da “direita” no espectro político. Não obstante, a maioria das vertentes anarquistas de fins do século XIX e começos do século XX possuía uma série de pontos em comum com a esquerda daquele período, havendo, inclusive, uma frequente e complexa sobreposição de discursos e posicionamentos entre elas. Aliás, durante grande parte do século XIX, o anarquismo foi considerado parte do movimento socialista, e muitos anarquistas se chamavam a si mesmos de “socialistas antiautoritários”, como forma de se diferenciarem dos “comunistas” (para eles, “socialistas autoritários”).

Consideramos que aquele anarquismo esteve bastante próximo da esquerda que lhe foi contemporânea, por partilhar com ela algumas concepções fundamentais: a noção de que os problemas sociais deveriam ser analisados cientificamente, a ideia de que as desigualdades existentes entre as pessoas derivavam da maneira como a sociedade estava estruturada (sendo, portanto, passíveis de serem eliminadas com uma reestruturação da mesma), o desejo de libertar os povos e os indivíduos do poder político-econômico injusto e opressivo, e de afastá-los do obscurantismo religioso, bem como livrá-los dos constrangimentos derivados dos privilégios de casta, classe, etnia e gênero, permitindo o livre desenvolvimento de suas capacidades, possível apenas com uma transformação radical da sociedade.⁶

O anarquismo nos EUA entre o final do século XIX e o começo do século XX

Enquanto o pensamento anarquista se desenvolvia na Europa, alguns indivíduos nascidos nos EUA promoviam experiências de organização laboral e social que algo se assemelhavam às concepções anarquistas. Para George Woodcock, o anarquismo norte-americano teria uma dupla tradição: nativa (começo do século XIX) e imigrante (últimas décadas do século XIX) que acabariam se influenciando mutuamente.⁷ Outros autores, como o alemão Rudolf Rucker, escritor e ativista anarcossindicalista que emigrou para os EUA na década de 1930, chegaram a defender que

5 WOODCOCK, George (ed.). **The Anarchist Reader**. Londres: Fontana Press, 1977, p. 11.

6 VINCENT, Andrew [1992]. **Ideologias políticas modernas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995, p. 121.

7 WOODCOCK, George [1962]. **Anarquismo: uma história das ideias e dos movimentos libertários**. Porto Alegre: L&PM, 2007, vol.2, p. 240.

o anarquismo norte-americano seria um produto local, surgido antes mesmo do movimento europeu.

[...] [O anarquismo] nos EUA não é uma importação do estrangeiro, mas um produto das condições sociais desse país e de suas tradições históricas. O anarquismo existiu nos EUA em um tempo no qual nenhuma indicação de um movimento anarquista estava para ser descoberta na Europa. Suas ideias econômicas e políticas básicas já haviam sido trabalhadas por [...] [Josiah] Warren antes que Proudhon concebesse sua grande tarefa histórica. Deve ser considerado, portanto, como uma parte da história norte-americana, cujo registro seria deficiente e incompleto se fosse negligenciado esse lado da vida intelectual nos EUA. É verdade que o anarquismo norte-americano também foi influenciado mais tarde pelas ideias europeias; por outro lado, ele também teve uma influência na Europa, embora pequena. Isso é meramente outra ilustração da velha verdade que as ideias não ficam circunscritas por nenhuma fronteira política, mas sua fonte está na esfera universal da cultura à qual nós pertencemos.⁸

De qualquer forma, é inegável que o anarquismo norte-americano também foi influenciado pelas ideias vindas da Europa. Aliás, como a maioria dos estudiosos defende, o anarquismo enquanto movimento político-ideológico data de meados do século XIX, tendo sido o francês Pierre-Joseph Proudhon o primeiro autor a se declarar anarquista.⁹

Ainda que tenha ganho novo impulso no país em meados do século XIX com a chegada dos imigrantes europeus, o anarquismo nos EUA era, a princípio, muito mais uma filosofia individualista de escassa penetração entre os trabalhadores norte-americanos que um guia para a ação destes no movimento operário-social.¹⁰ O movimento começou a aumentar sua influência entre trabalhadores e intelectuais apenas nas décadas finais do século XIX, quando a aproximação entre libertários¹¹ nativos e imigrantes tornou-se mais intensa com as atividades e os debates promovidos

8 ROCKER, Rudolf. **Pioneers of Freedom: Origin of Liberal and Radical Thought in America**. Nova York: J.

J. Little & Ives Company, 1949, p. 163.

9 MANFREDONIA, Gaetano. *Persistence et actualité de la culture politique libertaire*. In: BERNSTEIN, Serge. **Les cultures politiques en France**. Paris: Le Seuil, 1999, pp. 251-252.

10 WOODCOCK, George [1962]. **Anarquismo: uma história das ideias e dos movimentos libertários**. Porto Alegre: L&PM, 2007, vol.2, pp. 247 – ss.

11 A palavra *libertário* foi usada como sinônimo de *anarquista* pelos próprios anarquistas durante a maior parte dos séculos XIX e XX. O uso do termo tornou-se popular a partir da década de 1890, após ter sido empregado na França como uma tentativa de se escapar à legislação antianarquista que se pretendia implementar no país e, ao mesmo tempo, dissociar o movimento da conotação negativa que havia sido atribuída à palavra *anarquismo*. Ver NETTLAU, Max. **A short history of anarchism**. Londres: Freedom Press, 1996, pp. 75-76, p. 145 e 162. Entretanto, na segunda metade do século XX, o termo foi apropriado por vários pensadores norte-americanos defensores do “livre mercado”, como David Friedman, Robert Nozick, Murray Rothbard, e Robert Paul Wolff. “Os ‘libertários’ norte-americanos do século XX são acadêmicos e não ativistas sociais, e sua inventividade parece estar limitada a fornecer uma ideologia para o capitalismo de mercado desregulado”. Cf. WARD, Colin. **Anarchism: a very short introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2004, p. 82 (Todas as traduções de fontes documentais e de referências bibliográficas são de nossa autoria). Hoje, o termo *libertarianismo* indica uma filosofia política liberal que defende o máximo de liberdade



pela *International Working men's Association* (Associação Internacional dos Trabalhadores).¹² Em meio ao recrudescimento das lutas sociais no país, uma pauta que unia anarquistas e socialistas norte-americanos era a regulamentação da jornada de trabalho de oito horas diárias, antiga reivindicação do movimento operário-social mundial.

Um evento importante colocaria o anarquismo no centro das atenções da política nos EUA. No dia 4 de maio de 1886, ocorria em Chicago (então um dos centros mais ativos do anarquismo norte-americano) um ato pacífico em apoio aos trabalhadores em greve que lutavam pelas oito horas e que, ao mesmo, protestavam pela morte de vários trabalhadores no dia anterior por parte da polícia, quando um desconhecido atirou uma bomba contra um grupo de policiais que monitoravam o ato. A violenta explosão provocou a morte de um policial e deixou sete outros feridos que viriam a falecer algum tempo depois. Após um breve silêncio de estupefação, a polícia abriu fogo contra os manifestantes, matando onze pessoas e deixando vários feridos. Entre os muitos presos estavam os oito anarquistas responsáveis pela organização do ato. A grande imprensa lançou uma forte campanha junto à opinião pública pela condenação dos acusados, e todos acabaram sendo considerados culpados pelo crime de conspiração, mesmo com a ausência de provas. Um dos acusados foi condenado a quinze anos de prisão e sete foram condenados à morte por enforcamento. A sentença provocou a ira do movimento operário-social internacional e uma mobilização internacional foi feita advogando a libertação dos acusados. Porém, ela foi incapaz de impedir o suicídio de um deles e a execução de outros quatro. Anos mais tarde, em 1893, os três indivíduos que ainda estavam presos foram libertados quando se constatou que eram inocentes todos os oito acusados. A Revolta de Haymarket é um dos grandes marcos do movimento operário-social mundial, sendo considerada um dos eventos principais que levaram à criação do Dia do Trabalhador, celebrado em 1º de maio na maioria dos países.¹³

Contudo, a revolta também marcou o declínio do movimento anarquista nos EUA, tanto no

individual e o mínimo de coerção ou exercício da autoridade, encontrando-se comumente associado a correntes de pensamento designadas “anarcocapitalistas”. Não obstante, muitos pensadores e ativistas anarquistas rejeitam o que consideram ser uma “apropriação indevida” de uma expressão histórica e continuam a utilizar as duas palavras — libertário e anarquista — como sinônimos.

12 A Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), também conhecida como “1ª Internacional”, manteve-se em atividade durante os anos de 1864 a 1876. A AIT havia reunido representantes de várias organizações sindicais e de grupos de esquerda das mais variadas tendências e oriundos de diversos países, com o intuito de unificar as lutas do movimento operário, examinando problemas em comum e discutindo métodos de ação com a finalidade de se alcançar a emancipação dos trabalhadores. Ver AIT. **General rules of the International Working men's Association**. Londres, 1864. Disponível em <<https://www.marxists.org/history/international/iwma/documents/1864/rules.htm>>. Acesso em 13/04/2015.

13 AVRICH, Paul. **The Haymarket Tragedy**. Princeton: Princeton University Press, 1984, pp. 197-458.



que diz respeito ao número de simpatizantes quanto ao de publicações libertárias. A virulenta campanha orquestrada pela grande mídia após o incidente de Chicago teve como efeito uma crescente rejeição dos norte-americanos a qualquer tipo de anarquismo em geral, acentuada por dois atos terroristas isolados em 1892 e 1901 que levariam o governo dos EUA a aprovarem uma lei impedindo a entrada de anarquistas estrangeiros no país. Aliás, o movimento anarquista nos EUA sobreviveu graças aos anarquistas estrangeiros já residentes no país, já que a quantidade de trabalhadores norte-americanos interessados no ideário libertário caía rapidamente.

Apesar disso, em junho 1905, foi fundada em Chicago a *Industrial Workers of the World* (IWW), uma federação sindical internacional ainda hoje existente. Reunindo socialistas, anarquistas e sindicalistas revolucionários, a IWW defendia, entre outras bandeiras, a democracia industrial, tendo conseguido relativo sucesso nas lutas por melhores salários, condições de trabalho e organização laboral, especialmente na região oeste dos EUA. A organização alcançou sua força máxima no final dos anos 1910, tendo declinado tanto devido a divisões internas, como também em função das perseguições que ocorreram no final da década a trabalhadores simpatizantes da esquerda.¹⁴

Outrossim, as tentativas anarquistas de influenciarem mais decisivamente os rumos do movimento operário-social local por meio de sua atuação nas várias federações de trabalhadores e organizações criadas no período acabaram fracassando. Com o advento da Grande Guerra e da Revolução Russa, o belicismo nacionalista e a repressão das autoridades a elementos considerados subversivos atingiria em cheio o que restava do anarquismo no país. Líderes importantes foram presos e vários anarquistas estrangeiros foram deportados para seus países de origem na Europa.

Durante o declínio do movimento anarquista nos EUA, ocorreria um dos casos mais famosos envolvendo os libertários nos EUA: o julgamento e condenação de dois anarquistas nascidos na Itália — Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti. Ambos foram acusados e condenados sem provas pelos assassinatos de um contador e um guarda de uma fábrica de sapatos, durante um assalto em Massachusetts, em 1921. A campanha pela libertação de Sacco e Vanzetti espalhou-se por várias cidades dos EUA e do mundo, recebendo o apoio de diversos intelectuais e sensibilizando a opinião pública mundial. Apesar disso, ambos foram eletrocutados no dia 23 de agosto de 1927, ao que se seguiram protestos e quebra-quebras por cidades dentro e fora dos EUA. Memoriais foram erguidos em sua homenagem em diversas partes do mundo, e investigações posteriores

14 CHESTER, Eric Thomas. *The Wobblies in Their Heyday: The Rise and Destruction of the Industrial Workers of the World during the World War I Era*. Santa Barbara: Praeger Publishers, 2014, p. xii.

comprovariam a inocência dos acusados, atribuindo sua condenação ao preconceito contra imigrantes italianos e ao temor com respeito à orientação política e ideológica anarquista.¹⁵

Há que se reconhecer também que com o triunfo da Revolução Russa, a atração que exercia o movimento comunista levou muitos sindicalistas e trabalhadores a suas fileiras, enfraquecendo ainda mais o anarquismo local. De fato, já no período entre-guerras, apesar de existirem ainda milhares de anarquistas nos EUA, os grupos libertários que se mantinham ativos foram perdendo o ímpeto e se tornando cada vez menores. Muito mais círculos sociais e de estudo que agrupações políticas, eram incapazes de influenciar minimamente o movimento operário-social, uma situação que persistiria por algumas décadas.¹⁶

O socialismo e o comunismo nos EUA entre o final do século XIX e o começo do século XX

Por sua vez, a trajetória da esquerda socialista (marxista ou não) nos EUA também teve seus começos ainda no começo do século XIX, quando os primeiros norte-americanos influenciados por ideias socialistas buscavam combater o sistema socioeconômico vigente com o estabelecimento de comunidades alternativas — algumas de caráter religioso, como a dos *shakers*, uma ramificação dos *quakers*. A principal organização dos trabalhadores à época, a *American Union of Associationists*, congregava diversas sociedades de ajuda mútua, e ajudou na implantação de comunidades inspiradas nas ideias do filósofo e pensador socialista Charles Fourier (1772-1837). Após experimentar uma certa expansão nas primeiras décadas do século XIX, o movimento associacionista nos EUA sofreu um rápido declínio diante dos fracassos das comunidades fourierianas.

Após a Guerra Civil Americana (1861-1865), o movimento socialista nos EUA cobrou novo fôlego. Militantes do movimento operário-social, muitos dos quais eram imigrantes britânicos, alemães ou de origem judia, fundaram o *Workingmen's Party of the United States* em 1876, logo renomeado *Socialist Labour Party*.¹⁷ Contudo, os militantes socialistas também lutavam para se reestabelecerem após o incidente de Chicago, já que a repressão às lutas e reivindicações dos trabalhadores também os atingiu, embora em menor medida.

15 AVRICH, Paul [1991]. **Sacco and Vanzetti: The Anarchist Background**. Princeton: Princeton University Press, 1996.

16 WOODCOCK, George [1962]. **Anarquismo: uma história das ideias e dos movimentos libertários**. Porto Alegre: L&PM, 2007, vol.2, pp. 253-256.

17 O partido sobrevive até hoje, ainda que com reduzidíssimo número de filiados e sendo quase totalmente inexpressivo politicamente.

Poucas décadas depois, em 1901, foi fundado o *Socialist Party of America* (SPA), que procurava aglutinar descontentes com os rumos do socialismo norte-americano. O partido, contudo, estava dividido em grande número de correntes internas, algumas conflitantes entre si.¹⁸ Enquanto alguns militantes denunciavam a mistificação em torno da democracia norte-americana, outros defendiam que o socialismo seria não só um aprofundamento da mesma, mas sua verdadeira e plena realização. Nos anos seguintes o SPA cresceu em militantes e capacidade de mobilização. Nas eleições presidenciais de 1912, o candidato do partido, Eugene V. Debs, obteve mais de novecentos mil votos, o que equivalia a 6% do total — uma manifestação clara da força que o SPA vinha acumulando e que alcançaria sua força máxima por volta de 1914, quando da irrupção da Primeira Guerra Mundial.¹⁹

Por volta de 1914, quando a Primeira Guerra Mundial irrompeu, o *Socialist Party of America* havia atingido sua força máxima. Muitas de suas ideias e muitos de seus programas já tinham sido assimilados por progressistas dos dois principais partidos e ajudavam a racionalizar e estabilizar o novo sistema corporativo. Mais tarde, durante o *New Deal* e nos anos do pós-guerra, diversos programas propostos primeiramente pelos socialistas tornaram-se pilares das políticas públicas norte-americanas. De fato, [...] o sucesso do *Socialist Party* a nível programático era tamanho que levou muitos de seus partidários a questionarem a utilidade futura do partido.²⁰

Em 1919, na esteira da influência global exercida pela Revolução Russa e pelo Comintern, a *Left Wing Section of the Socialist Party* (uma facção organizada no interior do SPA) rompeu com o partido, fundando o *Communist Party of America* (CPA) e o *Communist Labor Party* (CLP).²¹ Ambos se unificariam em 1921, devido às pressões do Comintern, sob o nome de *Communist Party USA* (CPUSA).²² Ainda em 1919, alguns meses após sua fundação, o CPA já contava com cerca de sessenta mil membros. Em comparação, o SPA possuía ao redor de quarenta mil, alguns dos quais eram trotskistas que buscavam expandir sua influência entre o movimento operário-social.

Logo após a Primeira Guerra Mundial, os EUA, passaram por um período de intensificação

18 KIPNIS, Ira [1952]. **The American Socialist Movement, 1897-1912**. Chicago: Haymarket Books, 2004, pp. 81-106.

19 Ressalte-se ainda que o SPA conseguiu eleger diversos prefeitos pelo país, principalmente entre as décadas de 1910 e 1930, uma mostra da força do socialismo municipalista norte-americano durante esse período.

20 WEINSTEIN, James. **The Long Detour: The History and Future of the American Left**. Cambridge: Westview Press, 2003, p. xvi.

21 DRAPER, Theodore [1957]. **The Roots of American Communism**. New Brunswick: Transaction Publishers, 2003, pp. 148-196.

22 Assim como o *Socialist Labour Party*, o partido sobrevive até hoje, embora possua um pequeno número de filiados e muito pouca expressão política.

da atividade sindical, o que fez com que seguidas greves atingissem importantes cidades do país, como Seattle e Boston. A grande mídia, então, passou a estimular entre a população um verdadeiro surto de histeria anticomunista e anti-anarquista, que ficou conhecido como “Ameaça Vermelha” (*Red Scare*).

A Primeira Ameaça Vermelha

Na verdade, houve duas “Ameaças Vermelhas”: a primeira após a Grande Guerra, e a segunda após a Segunda Guerra Mundial. Durante a “Primeira Ameaça Vermelha” (*First Red Scare*), cujo ápice foi entre os anos de 1919 e 1920, membros e simpatizantes da esquerda foram alvo de intensa perseguição política, e uma paranoia generalizada difundiu-se entre amplos setores sociedade norte-americana que acusava o movimento operário-social, “dominado por vermelhos e anarquistas”, de planejar trazer caos ao país e promover uma “revolução antiamericana”. Várias leis antiespionagem haviam sido aprovadas nos anos anteriores com o objetivo de desmascarar possíveis “agentes bolcheviques” infiltrados no movimento operário. Além disso, as bombas que os seguidores do anarquista italiano Luigi Galleani, então residente nos EUA e adepto da “propaganda pelo feito”²³ enviaram a diversos políticos ao longo de 1919 fizeram aumentar o pânico entre a população, a campanha da grande imprensa contra libertários, socialistas e comunistas, bem como o ímpeto repressor das autoridades.

Com relação às atividades repressoras, ficaram especialmente famosas as chamadas *Palmer Raids*, que consistiam em ações promovidas pelo Departamento de Justiça dos Estados Unidos que visavam à prisão e deportação de radicais de esquerda, especialmente anarquistas. As batidas policiais e as prisões que ocorreram entre novembro de 1919 e janeiro de 1920 sob a liderança do Procurador-Geral Alexander Mitchell Palmer, resultaram na detenção e deportação de mais de quinhentas pessoas, incluindo lideranças importantes da esquerda norte-americana.²⁴

Sem dúvida, essas ações contribuíram para que se acentuasse o declínio do fragilizado movimento anarquista e também para que fosse colocado um freio ao aumento da influência

23 A “propaganda pelo feito” (também conhecida como “propaganda pelo ato” ou ainda “propaganda pela ação”) estava invariavelmente ligada à violência e consistia na realização de uma ação que tivesse grande repercussão — geralmente atentados contra governantes ou órgãos do Estado —, com o fim de que inspirasse outras ações semelhantes. Seus adeptos acreditavam que seus atos acarretariam uma reação em cadeia contra as instituições e figuras representantes ou defensoras do *status quo*, engendrando um momento revolucionário.

24 Ver, a esse respeito, MURRAY, Robert K. **Red Scare: A Study In National Hysteria, 1919-1920**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1955.

exercida por socialistas e comunistas, algo que nem mesmo a Grande Depressão que se seguiu à quebra da Bolsa de Valores de Nova York em 1929 pôde reverter.

Mesmo tendo a Grande Depressão radicalizado alguns norte-americanos, muitos mais foram atraídos pelo New Deal de Franklin Delano Roosevelt e seu programa de reformas enérgicas que não iam além das tradições democráticas dos EUA. De maneira audaciosa e com a aprovação de Moscou, os comunistas denunciavam Roosevelt como sendo um reacionário que procurava salvar o capitalismo e classificaram seu *New Deal* como uma versão norte-americana do fascismo.²⁵

Com efeito, ainda que tenham aumentado ligeiramente o número de adeptos com a radicalização provocada pela grave crise econômica, o socialismo e o comunismo mostrar-se-iam incapazes de alcançarem um crescimento substancial e de ocuparem uma posição central na vida política norte-americana.

A Segunda Ameaça Vermelha

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, os EUA foram tomados por uma onda ainda maior de histeria coletiva: a “Segunda Ameaça Vermelha” (*Second Red Scare*). Pela atuação decisiva do senador republicano Joseph McCarthy na difusão do sentimento anticomunista, o período (1947-1957) é também conhecido como “macartismo”.²⁶

O macartismo emergia em um contexto de crescente rivalidade entre EUA e URSS, com o Bloqueio de Berlim (1948-1949), a iminência de um conflito armado na península da Coreia (que se materializaria com a Guerra da Coreia), e apreensão com relação às denúncias de espionagem de oficiais norte-americanos em favor da União Soviética. Os alvos preferenciais das investigações e perseguições policiais foram os militantes e simpatizantes da esquerda socialista e comunista, frequentemente acusados de serem traidores dos “valores norte-americanos” ou espiões a serviço da URSS. As perseguições à esquerda logo se tornaram uma espécie de “caça às bruxas”, com milhares de pessoas sendo acusadas e processadas sem qualquer prova ou indício de seus “crimes”. De acordo com a historiadora norte-americana Landon R. Y. Storrs, as perseguições foram instrumentalizadas também por políticos conservadores para minarem discussões políticas e

25 KLEHR, Harvey; HAYNES, John Earl; FIRSOV, Fridrikh Igorevich. **The Secret World of American Communism**. New Haven: Yale University Press, 1995, p. 8.

26 Ver FERREIRA, Argemiro. **Caça às Bruxas. Macartismo: uma tragédia americana**. Porto Alegre: L&PM, 1989.

bloquearem iniciativas de regulação dos mecanismos do capitalismo que poderiam ter tornado a sociedade norte-americana mais justa e democrática.

A Segunda Ameaça Vermelha atrofiou o desenvolvimento do estado de bem-estar social norte-americano. Nas décadas de 1940 e 1950, conservadores dentro e fora do governo usaram as preocupações sobre espionagem soviética para removerem do serviço público muitos oficiais que defendiam políticas regulatórias e redistributivas pensadas para fortalecer a democracia. [...] Para além de sua bem conhecida violação das liberdades civis e destruição de carreiras, a Segunda Ameaça Vermelha conteve o potencial social-democrata do New Deal através de seu impacto sobre os formuladores das políticas [públicas e sociais] que procuravam mitigar as tendências antidemocráticas do capitalismo desregulado.²⁷

Apesar disso, os propagadores do terror anticomunista logo cairiam em descrédito perante a opinião pública devido à sua forma de atuação, feita com base em acusações sem provas e reiteradas violações das liberdades civis e dos direitos individuais. Dessa forma, o ímpeto anticomunista arrefeceria um pouco no final da década de 1950, mas a maior parte da esquerda organizada já se encontrava arrasada.

Além do desaparecimento de algumas agremiações e de cisões em várias delas, incluindo no CPUSA (que em 1928 havia expulsado alguns apoiadores de Trotsky, os quais formariam o *Socialist Workers Party* dez anos depois),²⁸ houve também a formação de novas correntes que fundariam, posteriormente, outros partidos, como o *Progressive Labour Party*, em 1961. Porém, na maioria das vezes, essas divisões não foram amigáveis, tendo havido uma série de intensos debates onde as partes em conflito se acusavam mutuamente de “revisionistas”, “autoritários” e “traidores da classe trabalhadora”.²⁹

A formação da *New Left* norte-americana

Em meio a essa desintegração, parte da esquerda do país também começava a articular um processo de reinvenção, a formação de uma “nova esquerda”. Para tanto, seriam fundamentais a incorporação de alguns questionamentos da contracultura *anti-establishment* dos anos 1960 — questões referentes à sexualidade, à ampliação dos direitos civis à população negra, a defesa do

27 STORRS, Landon R. Y. **The second red scare and the unmaking of the new deal left**. Princeton: Princeton University Press, 2013, p. 1.

28 O partido continua a existir, embora virtualmente irrelevante.

29 STAROBINPP, Joseph Robert. **American Communism in Crisis, 1943-1957**. Los Angeles: University of California Press, 1975, 224-237.

pacifismo, à luta pela igualdade de gênero, à crítica aos modos tradicionais de autoridade (como o patriarcado), ao papel das drogas psicoativas como expansores da percepção da realidade, etc. Essa esquerda renovada seria conhecida como *New Left*, a exemplo do movimento britânico formado no final da década de 1950 que também havia adotado essa denominação. Contudo, há diferenças importantes entre os dois movimentos.

Há diferenças significativas entre o desenvolvimento da *New Left* nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha: a *New Left* americana era mais racialmente diversificada e mais definida pelas lutas culturais e estudantis da década de 1960; a *New Left* britânica manteve seus laços com instituições políticas formais [...] por um longo período; era menos popular e mais organizada em torno de seu órgão intelectual principal, a *New Left Review*, um porta-voz central ausente em sua contraparte norte-americana. No entanto, apesar dessas diferenças, os dois movimentos compartilham a mesma genealogia fundamental.³⁰

O termo *New Left* popularizou-se nos EUA e na maior parte do mundo em 1960, graças a um texto escrito pelo sociólogo Charles Wright Mills intitulado *Letter to the new left*, publicado no quinto número da revista política britânica *New Left Review*. No texto, Mills afirmava ter bastante em comum com os responsáveis pela revista, e indicava que a apatia política vinha acompanhada de uma sistemática política de propagação da diminuição da importância das ideologias para a vida cotidiana no pós-guerra pelos representantes do *status quo*. As ideologias seriam resquícios de “radicalismos políticos e econômicos” do século XIX que não tinham mais razão de ser na segunda metade do século XX. Para Mills, essa fórmula, também ela ideológica, havia encontrado sua máxima expressão no livro *The End of Ideology: On the Exhaustion of Political Ideas in the Fifties*, de Daniel Bell.³¹ Para Mills, a tese do fim das ideologias seria também um efeito colateral da hegemonia do marxismo vulgar em sua versão stalinista, ainda dominante na URSS, mesmo após o discurso de Krushev em 1956. Reafirmando a validade da diferenciação entre esquerda e direita, Mills denunciava as tentativas de alguns intelectuais de acabar com essa distinção, argumentando que defendendo que enquanto a direita aceitava e desejava perpetuar o estado de coisas então existente, a esquerda, mantendo viva a “utopia” por um mundo melhor e mais justo, precisava analisá-lo criticamente e ser a propulsora das mudanças. Contudo, ainda de acordo com Mills, para

30 FARRED, Grant. Endgame Identity? Mapping the New Left Roots of Identity Politics. In: **New Literary History**, Vol. 31, No. 4, **Is There Life after Identity Politics?** (Autumn, 2000), p. 628. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/20057628>>. Acesso em 14/04/2015.

31 BELL, Daniel [1960]. **The End of Ideology: On the Exhaustion of Political Ideas in the Fifties**. Spring, 2000.

que fosse possível viabilizar uma nova esquerda cumpriria refletir seriamente sobre três pontos fundamentais: o problema da agência histórica da mudança, os agentes interessados e/ou capazes de empreendê-la, e os meios sociais e institucionais necessários para promover uma mudança estrutural.³²

Assim como a “velha esquerda”, a *New Left* norte-americana viveria seus próprios dilemas e paradoxos ao longo das décadas seguintes. Embora tenha contado com organizações diversas, das quais uma das mais importantes foi a *Students for a Democratic Society* (SDS),³³ tampouco conseguiu alcançar os centros de poder decisório da política norte-americana — ainda que alguns setores mais moderados do movimento tenham aderido posteriormente ao Partido Democrata. Apesar disso, mobilizou uma série de ideias e esperanças entre a juventude, a população negra, os pacifistas, entre outros; exercendo um papel ativo, ainda que por vezes mitificado,³⁴ nas questões referentes às reformas universitárias, na luta pela ampliação dos direitos civis, na oposição à Guerra do Vietnã e, de uma maneira geral, no impulso às transformações socioculturais que a sociedade norte-americana experimentava entre as décadas de 1960 e 1970.³⁵

Considerações finais

Como procuramos demonstrar ao longo deste curto texto, as esquerdas norte-americanas — anarquista, socialista, comunista — possuem ricas histórias que merecem ser conhecidas.³⁶ As esquerdas lideraram os sindicatos nas batalhas pelas oito horas diárias, na semana de trabalho de cinco dias, na garantia de pensões e aposentadorias, na regulamentação de férias, etc., para não mencionar seu papel na revolução cultural da década de 1960.³⁷

Contudo, é inegável que o conjunto da esquerda dos EUA, que sobreviveu como pôde aos mais diferentes ataques ao longo dos séculos XIX e XX, entrou em declínio acentuado a partir de

32 MILLS, Charles Wright. Letter to the New Left. In: **New Left Review I/5, September-October 1960**, pp. 18-23.

33 A SDS foi um movimento estudantil formado em 1960 cujas principais bandeiras eram a democracia participativa e a ação direta. Após experimentar um rápido crescimento a partir de meados daquela década, foi dissolvida em 1969.

34 MCMILLIAN, John Campbell. “You Didn’t Have To Be There”: Revisiting the New Left Consensus. In: MCMILLIAN, John Campbell; BUHLE, Paul (eds.). **The New Left Revisited**. Filadélfia: Temple University Press, 2008, pp. 1-8.

35 CLECAK, Peter. **Radical paradoxes; dilemmas of the American left: 1945-1970**. Nova York: Ardent Media, 1973, pp. 1-12.

36 LASCH, Christopher. **The agony of the American left**. Knopf, 2013.

37 MACGOWAN, John. **American Liberalism: An Interpretation for Our Time**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2007, p. 134.



meados da década de 1970, na medida que o centro político era erodido e os conservadores conseguiam inclinar fortemente à direita a política do país.³⁸ Atualmente, porém, se os principais partidos situados entre a esquerda e a centro-esquerda no espectro político-ideológico — o *Socialist Party USA* (SPUSA), o *Socialist Alternative*³⁹ e o Partido Verde (*Green Party*) — continuam pouco expressivos (politicamente, e, sobretudo, eleitoralmente), parece haver uma crescente insatisfação com a maneira como está estruturada a grande política nos EUA, isto é, intimamente vinculada ao grande capital que financia as milionárias campanhas e aos lobistas que são rotineiramente eleitos para cargos legislativos. Além disso, o aumento da desigualdade e a diminuição da mobilidade social parecem começar a impulsionar tanto alternativas eleitoralmente mais à esquerda quanto movimentos como o *Occupy Wall Street*, que advogam a ação direta e concebem o político e a militância política para além das esferas eleitoral e institucional. Talvez nisso esteja parte do futuro

38 HACKER, Jacob S.; PIERSON, Paul. **Off-Center: The Republican Revolution and the Erosion of American Democracy**. New Haven: Yale University Press, 2005, pp. 1-44.

39 No final de 2013, o trotskista *Socialist Alternative* conseguiu eleger a professora de economia Kshama Sawant para o *Seattle City Council*, órgão responsável por aprovar o orçamento municipal e elaborar leis referentes às políticas do município sobre uso de parques e bibliotecas, destinação dos resíduos, serviços de drenagem e esgoto, etc. Nascida na Índia e tendo emigrado para os EUA em 1996, Sawant é uma das poucas pessoas declaradamente socialistas a serem eleitas para um cargo público no país em quase meio século.